

Colocação de clíticos em PE L2: Percurso de desenvolvimento e estado final

Alexandra Fiéis^{1,2}, Ana Madeira^{1,2}, Joana Teixeira^{1,2}

¹Universidade NOVA de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, Portugal

²Universidade NOVA de Lisboa, CLUNL, Lisboa, Portugal

Resumo

Este estudo investiga a aquisição da colocação de clíticos em PE L2, recorrendo a uma tarefa de produção oral induzida e a uma tarefa de juízos de aceitabilidade rápidos. Os participantes são 20 falantes de PE L1 e 30 aprendentes de espanhol L1-PE L2 nos níveis intermédio a quase-nativo. Os resultados mostram que a ênclise estabiliza cedo (pelo menos, na produção) e a próclise se desenvolve sequencialmente, seguindo um percurso semelhante ao observado na aquisição de L1: Negação > Completivas de conjuntivo > Completivas de indicativo > Adverbiais, sujeitos quantificados. Os contextos de desenvolvimento mais tardio são os menos categóricos nas gramáticas nativas, o que pode dar origem a maior variabilidade no input e acrescentar complexidade à tarefa de aquisição. Por isso, os aprendentes necessitam de exposição prolongada a input para descobrir os padrões de colocação de clíticos em PE. A sua aquisição plena parece ser possível, mas apenas no nível quase nativo.

Palavras-chave: colocação de clíticos, português europeu, L2, desenvolvimento, estágio final.

Abstract

This study investigates the acquisition of clitic placement in L2 EP, using an elicited oral production task and a speeded acceptability judgement task. Participants were 20 L1 EP speakers and 30 L1 Spanish-L2 EP adult learners at intermediate to near-native levels. Results show that enclisis stabilizes early (at least in production) and proclisis develops sequentially, following a route similar to that observed in L1 acquisition: Negation > Subjunctive complement clauses > Indicative complement clauses > Adverbial clauses, quantified subjects. The contexts that develop later are the less categorical ones in native grammars, which may give rise to greater input variability and add complexity to the acquisition task. As a result, learners need prolonged input exposure to discover the patterns of clitic placement in EP. Full convergence with the target language seems to be possible, but only at a near-native level.

Keywords: clitic placement, European Portuguese, L2, development, final state.

1. Introdução

Investigação recente tem sugerido que os fenómenos adquiridos tardiamente em língua materna (L1) podem causar dificuldades no desenvolvimento bilingue, principalmente devido a fatores de input (Sorace, 2014; Tsimpli, 2014). A colocação de clíticos em português europeu (PE), que depende de vários fatores (sintáticos, lexicais, semânticos, entre outros), constitui um fenómeno particularmente adequado para investigar esta hipótese, uma vez que os estudos sobre aquisição de L1 constataram que as crianças falantes de PE começam por generalizar a ênclise a contextos de próclise e adquirem conhecimento de alguns desses contextos muito tarde (Costa et al., 2015), o que tem sido relacionado com a variabilidade no input. No domínio de aquisição de língua não materna (L2), estudos preliminares de Gu (2019, 2021, 2022), com falantes nativos de mandarim, sugerem que o percurso de aquisição dos contextos de próclise poderá ser semelhante em PE L1 e



L2. No entanto, não há estudos com falantes quase nativos, não sendo ainda claro se o conhecimento dos contextos de próclise pode ser plenamente adquirido. Assim, é necessária mais investigação para se compreender melhor o percurso de desenvolvimento e o estado final da aquisição deste fenómeno.

O presente estudo investiga a aquisição da colocação de clíticos por falantes nativos de espanhol com nível intermédio, avançado e quase nativo em PE L2, recorrendo a dados de produção induzida e juízos de aceitabilidade.

O artigo está estruturado do seguinte modo: a Secção 2 apresenta uma visão panorâmica dos estudos prévios sobre colocação de clíticos em PE e espanhol e a sua aquisição em PE como L1 e L2; na Secção 3, formulamos as questões de investigação e as predições; a Secção 4 apresenta a metodologia do estudo; os resultados são descritos na Secção 5; e, finalmente, na Secção 6, discutimos os resultados e apresentamos as principais conclusões do estudo.

2. Colocação de clíticos

Nas línguas românicas, os pronomes clíticos, formas fonologicamente fracas, ocorrem sempre em adjacência a um hospedeiro verbal, em ênclise ou em próclise. No entanto, as condições que determinam a colocação pré- ou pós-verbal do clítico relativamente ao verbo variam de língua para língua.

Na próxima Secção, descrevem-se os padrões de colocação de clíticos nas línguas românicas, com especial incidência no PE e no espanhol, as línguas que são alvo de estudo neste trabalho. Nas secções 2.2. e 2.3., descrevem-se alguns estudos sobre a aquisição de colocação de clíticos em PE L1 e L2, respetivamente.

2.1. Na gramática de falantes nativos de PE e de espanhol

Numa língua românica como o francês, os clíticos de objeto são sempre proclíticos (cf. (1)); já em línguas de sujeito nulo, como o espanhol ou o italiano, a colocação dos clíticos depende de um fator morfológico, nomeadamente a finitude: a ênclise ocorre em orações não finitas, enquanto a próclise ocorre em orações finitas (cf. (2), para o italiano, e (3) para o espanhol).¹

- (1) *Pedro m'appelle tous les jours*
Pedro CL-me telefona todos os dias
'O Pedro telefona-me todos os dias'
- (2a) *Pedro mi chiama tutti i giorni*
Pedro CL-me telefona todos os dias
'O Pedro telefona-me todos os dias'
- (2b) *Pedro ha deciso di chiamarmi*
Pedro AUX decidiu telefonar.CL-me
'O Pedro decidiu telefonar-me'
- (3a) *Pedro me llama todos los días*
Pedro CL-me telefona todos os dias
'O Pedro telefona-me todos os dias'
- (3b) *Pedro decidió llamarme*
Pedro decidiu telefonar.CL-me
'O Pedro decidiu telefonar-me'

¹ Excetuam-se os contextos de imperativo afirmativo, em que ocorre ênclise nas três línguas.



No PE standard, por seu turno, a colocação proclítica ou enclítica não está estritamente ligada a fatores morfológicos como a finitude (ao contrário do espanhol ou do italiano), podendo observar-se três padrões de colocação dos clíticos em orações finitas: próclise, ênclise e mesóclise.

Assim, observa-se próclise em contextos sintáticos específicos (cf. Duarte & Matos, 2000; entre outros): na presença da negação (4); com sujeitos negativos pré-verbais (5); com alguns advérbios quantificados em posição pré-verbal (*já, também, sempre, só, ainda...*) (6); com alguns sujeitos quantificados em posição pré-verbal (7); em subordinadas finitas introduzidas por complementador (8); em orações com CP lexicalizado em interrogativas e exclamativas-Qu (9); e em orações com constituintes focalizados (10):

- (4) O menino não se levantou
- (5) Ninguém se levantou
- (6) O menino já se levantou (vs. O menino levantou-se já)
- (7) Todos os meninos se levantaram (vs. Levantaram-se todos os meninos.)
- (8a) O menino disse que se levantou às 8 horas
- (8a') O menino quer que a mãe se levante cedo.
- (8b') O menino está cansado porque se levantou às 8 horas.
- (9a) Quem se levantou?
- (9b) Que cedo se levantaram!
- (10) Muita coisa me contas!

Por outro lado, a ênclise é o padrão que se observa em orações independentes finitas sem proclisadores, como se mostra em (11):

- (11a) O menino penteou-**se**.
- (11b) O avô chamou a neta e ela abraçou-**o**.

A mesóclise verifica-se em frases sem proclisadores com o verbo no futuro simples e no condicional, como em (12a-b), respetivamente:

- (12a) O avô dar-**lhe**-á um presente.
- (12b) O avô dar-**lhe**-ia um presente.

Já em orações infinitivas e com complexos verbais a situação é mais complexa, uma vez que, em PE, há subida de clítico, e em algumas situações a cliticização pode ocorrer quer ao verbo finito quer ao verbo não finito. Como estas estruturas não serão alvo de estudo neste trabalho, vamos focar-nos apenas nas orações finitas. Nestas orações, a próclise é determinada não apenas pelo contexto sintático, mas também por outros fatores, nomeadamente lexicais (cf. Martins, 2016).

Alguns trabalhos mostram que em certos contextos de próclise existe variação no PE (cf. Martins, 1994, 2016). Verifica-se que, com a negação, a próclise é categórica, mas que, com sujeitos negativos, há alguma variação entre a posição enclítica ou proclítica. Do mesmo modo, alguns sujeitos quantificados também admitem variação. Em orações completivas, na literatura, há variação entre finitas e não finitas e, dentro das orações finitas, há menos ênclise com conjuntivo do que com indicativo. Finalmente, a própria variação que se observa no estatuto sintático (mais ou menos subordinado) das orações adverbiais explicativas (cf. Lobo, 2003) dá origem a padrões de cliticização menos categóricos.



Já em espanhol, como se mostra acima, a colocação dos clíticos é apenas sensível ao estatuto finito/não-finito dos verbos, situação em que contrasta claramente com o PE.

2.2. Na aquisição de PE L1

No que respeita a aquisição de L1, não têm sido observados problemas na colocação de clíticos, na grande maioria das línguas: em italiano (cf. Guasti, 1993; entre outros); em espanhol e catalão (cf. Wexler et al., 2004; entre outros); em francês (cf. Grüter, 2006; Hamann et al., 1996; Pierce, 1992; entre outros); e, finalmente, em grego standard (cf., por exemplo, Marinis, 2000).

Esta situação não será de estranhar, uma vez que, nestas línguas, como vimos, os padrões de cliticização são bastante claros. Contudo, noutras línguas, como o PE (e também o grego cipriota), em que a variação entre ênclise e próclise não depende de finitude, foram identificados problemas na colocação de clíticos (cf. para o PE, Costa et al., 2015; Duarte et al., 1995; e, para o grego cipriota, Neokleous, 2013; Petinou & Terzi, 2002).

Em PE, nos estádios iniciais de aquisição, há uma generalização da ênclise a contextos de próclise (cf. Duarte & Matos, 2000; Duarte et al., 1995), e observa-se uma aquisição mais precoce de próclise em alguns contextos, de acordo com uma escala, situando-se à esquerda os contextos de aquisição mais precoce e à direita os de aquisição mais tardia:

Negação > Sujeitos Negativos, Completivas (de indicativo) > Advérbios (proclisadores) > Adverbiais (causais com *porque*) > Sujeitos Quantificados (com *todos*).

(Costa et al., 2015)

Segundo Costa et al. (2015), os dados das crianças mostram que os contextos em que existe uma maior dependência de conhecimento lexical (i.e., em que o falante tem de recorrer a conhecimento item a item para determinar se está perante um contexto de próclise ou de ênclise) são adquiridos mais tardiamente. É isto que acontece com os advérbios, os sujeitos quantificados e as orações adverbiais. Note-se que, neste último caso, apenas conhecendo alguns conectores específicos (e.g., *porque* vs. *pois*), é possível ao falante determinar se está perante subordinação adverbial (e, portanto, um contexto de próclise) ou coordenação (e, portanto, um contexto de ênclise) (cf. Lobo, 2003). Crucialmente, como Costa et al. (2015) notam, os contextos em que a posição do clítico está mais dependente de propriedades específicas dos itens lexicais são aqueles em que os próprios adultos exibem alguma variação entre próclise e ênclise. Parece, pois, haver um paralelismo entre o percurso de aquisição e a variação encontrada na gramática do adulto.

O mesmo se observa na aquisição bilingue de PE, cujo percurso de aquisição segue em geral os padrões observados na aquisição monolíngue. No entanto, observa-se um desenvolvimento mais lento nos bilingues. Num estudo desenvolvido com crianças falantes de PE como língua de herança com o alemão como L1, Flores e Barbosa (2014), numa tarefa de produção induzida (oral), mostram que as crianças (7–15 anos) falantes de herança apresentam um percurso de desenvolvimento idêntico ao do grupo de controlo (crianças monolíngues na mesma faixa etária). Ou seja, em contextos de próclise, as taxas de acerto são mais elevadas com negação do que em subordinadas, e com advérbios e quantificadores, o que parece sugerir que a aquisição dos padrões de colocação dos clíticos é possível, ainda que o seu desenvolvimento possa ser mais tardio do que na aquisição monolíngue (possivelmente, devido a input reduzido). Por seu turno, as crianças bilingues de PE/francês estudadas por Casa Nova (2014) e Flores et al. (2016) produzem menos ênclise em contextos de próclise do que os bilingues PE/alemão, mas a diferença não é significativa; e, contrariamente aos outros grupos (controlos monolíngues e bilingues PE/alemão), produzem próclise em contextos de ênclise. Este domínio da próclise em contextos neutros, segundo as autoras, poderá resultar de transferência inicial do francês, que só tem próclise, o que terá influência no ritmo de desenvolvimento. Já Tomaz et al. (2019), também com crianças bilingues PE/francês, apresentam resultados no mesmo sentido: embora o percurso de desenvolvimento seja semelhante ao dos monolíngues, as crianças bilingues PE/francês produzem taxas mais elevadas de próclise, tanto em



contextos de próclise como de ênclise, o que pode, mais uma vez, resultar de transferência do francês (embora existam diferenças individuais).

Em suma, parece haver indícios de que a colocação de clíticos em português é uma área vulnerável na aquisição quer monolíngue quer bilingue.

2.3. Na aquisição de PE L2

Mostrámos, na Secção 2.1., que, ao contrário do que acontece em línguas como o espanhol e o italiano, em que a colocação enclítica ou proclítica está relacionada com finitude, não criando obstáculos à aquisição dos padrões alvo na L1, no PE, a posição do clítico depende de uma diversidade de fatores (em particular, fatores sintáticos, lexicais e semânticos), o que contribui para tornar mais complexa a aquisição deste fenómeno. Verifica-se, assim, que o conhecimento dos contextos de próclise constitui uma dificuldade na aquisição de PE L1, como tem sido demonstrado pelos estudos descritos em 2.2. Nos últimos anos, tem sido proposto que os fenómenos adquiridos tardiamente em L1 podem ser de difícil aquisição no desenvolvimento bilingue (Tsimpli, 2014). Dadas as suas características e o que sabemos sobre a sua aquisição em L1, os padrões de colocação de clíticos em PE constituem um fenómeno particularmente adequado para investigar esta hipótese.

Tsimpli (2014) defende que, tanto na aquisição de L1 como na aquisição bilingue por crianças, os fenómenos de aquisição precoce são aqueles que são estritamente sintáticos (como é o caso da colocação de clíticos em espanhol e de alguns contextos de colocação de clíticos em PE, como, por exemplo, a negação), enquanto os fenómenos de aquisição tardia ou muito tardia envolvem interfaces com outras componentes linguísticas como, por exemplo, a semântica ou o léxico (como é o caso de alguns contextos de próclise em PE, tais como as frases com sujeitos pré-verbais quantificados). Estes fenómenos são particularmente vulneráveis a efeitos de input (Sorace, 2014; Tsimpli, 2014). A questão que se coloca, então, é se, na aquisição de PE L2 por adultos, o *timing* de aquisição de diferentes propriedades linguísticas coincide com o que tem sido observado em PE L1 e se depende também da natureza das propriedades em questão.

Estudos anteriores sugerem que, à semelhança do que acontece na aquisição monolíngue e bilingue de PE L1 (Costa et al., 2015; Flores & Barbosa, 2014; Flores et al., 2016; Tomaz et al., 2019), a ênclise é adquirida mais cedo do que a próclise na aquisição de PE L2 por adultos; observa-se também uma generalização inicial de ênclise a contextos de próclise, seguida de um desenvolvimento gradual do conhecimento destes contextos, sendo o contexto de negação aquele em que a próclise estabiliza mais cedo (Gu, 2019, 2021, 2022; Madeira et al., 2006; Madeira & Xavier, 2009). Embora este percurso de desenvolvimento pareça não ser significativamente afetado pela L1 dos aprendentes, há indícios de que esta poderá ter um efeito no ritmo de desenvolvimento (Madeira et al., 2006; Madeira & Xavier, 2009). Num estudo exploratório realizado com falantes nativos de mandarim (uma língua sem clíticos pronominais), Gu (2019, 2021) confirma, com base em dados de juízos de aceitabilidade sem pressão de tempo, a existência de variação no desenvolvimento das propriedades que determinam a colocação dos clíticos nos diferentes contextos de próclise e identifica a seguinte escala de aquisição de próclise: negação > frase com advérbio (*também*) / oração adverbial causal (com *porque*) > frase com sujeito quantificado (*todos*). Embora este trabalho não inclua todos os contextos testados nos estudos sobre PE L1, a escala proposta coincide no essencial com a que é observada na aquisição de L1. A principal diferença reside na ordem dos contextos intermédios da escala: no estudo de Gu (2019, 2021), não é clara a ordem por que estabiliza a próclise nos contextos de frase com advérbio e oração adverbial (embora os resultados de Gu (2022), baseados numa tarefa de juízos de aceitabilidade rápidos, pareçam indicar que esta estabilização poderá ocorrer mais cedo nos contextos de frase com advérbio do que nas orações adverbiais).



Também não é claro nos estudos de Gu se a preferência por próclise em contexto de sujeito quantificado é totalmente adquirível.

Tal como acontece na aquisição de PE L1, os atrasos² no desenvolvimento do conhecimento da colocação dos clíticos em alguns contextos em PE L2 poderão dever-se à variação que está associada a itens lexicais específicos (Costa et al., 2015), o que explicaria as semelhanças nas sequências de aquisição dos contextos de próclise em L1 e L2 observadas nos estudos realizados até ao momento. Contudo, alguns destes estudos apresentam problemas metodológicos, sobretudo no que se refere à aferição dos níveis de proficiência dos participantes,³ o que compromete as conclusões que se retiram quanto a sequências de aquisição. Por este motivo, é necessário realizar mais estudos adotando critérios mais rigorosos para a identificação do nível de proficiência dos participantes (cf. Secção 4.1).

Os estudos sobre a aquisição da colocação de clíticos em PE L2 por adultos têm-se debruçado predominantemente sobre o percurso de desenvolvimento deste fenómeno. Embora todos mostrem que alguns contextos são adquiridos mais cedo do que outros, nenhum estudo inclui falantes quase nativos, pelo que não sabemos se é possível desenvolver conhecimento pleno dos contextos que parecem ser de aquisição mais tardia. Tendo em conta que estes contextos envolvem propriedades internas à gramática, i.e. interfaces internas, como léxico-sintaxe (e.g., no caso de sujeitos quantificados), a Hipótese de Interface (HI) (Sorace, 2014; Sorace & Filiaci, 2006) prediz que serão plenamente adquiríveis em L2, mesmo que estejam sujeitos a atrasos de desenvolvimento.

3. Questões de investigação e predições

Neste trabalho, procuraremos responder às seguintes questões de investigação:

- QI.1.** Os contextos de ênclise são adquiridos cedo em PE L2, tal como em PE L1?
- QI.2.** O percurso de desenvolvimento dos contextos de próclise em PE L2 assemelha-se ao encontrado na aquisição de PE L1?
- QI.3.** A convergência com a língua alvo é possível em PE L2 no que diz respeito à colocação dos clíticos em contextos de próclise?

Considerando os resultados dos estudos anteriores sobre o percurso de desenvolvimento dos padrões de colocação dos clíticos em PE descritos na Secção 2, bem como as predições da HI quanto ao estágio final de aquisição em L2, fazemos as seguintes predições em relação às questões de investigação:

- P.1.** Se, à semelhança do que acontece em PE L1, os contextos de ênclise forem adquiridos cedo em PE L2, os aprendentes terão já conhecimento destes contextos no nível intermédio.
- P.2.** Se o percurso de desenvolvimento dos contextos de próclise em PE L2 se assemelhar ao que tem sido observado na aquisição de PE L1, os aprendentes desenvolverão conhecimento destes contextos de forma gradual: adquirirão primeiro os contextos de aquisição mais precoce e mais tarde os de mais difícil aquisição, de acordo com a escala seguinte (baseada em Costa et al., 2015):

² Um avaliador anónimo questiona se se deverá falar de um atraso na aquisição nos falantes L2 em contextos em que há variação, dado que os falantes nativos monolíngues também permitem próclise e ênclise nesses contextos. No entanto, é importante notar que, ainda que os falantes nativos permitam ênclise nestes contextos, têm uma preferência significativa por próclise, como mostram os resultados do presente estudo (cf. Secção 5) e do trabalho de Costa et al. (2015). Consideramos, por isso, que existe um atraso no desenvolvimento da L2 apenas quando os aprendentes exibem preferência por ênclise ou não têm preferência clara.

³ Por exemplo, Madeira et al. (2006) dividem os participantes em função do seu tempo de aprendizagem do PE, estabelecendo uma correlação implícita entre duração da aprendizagem e nível de proficiência, e Madeira e Xavier (2009) assumem o nível de proficiência do curso de português que os participantes estavam a frequentar no momento do estudo.



Negação > Completivas > Advérbias finitas > Sujeito quantificado.

- P.3.** Se a convergência com a língua alvo no que diz respeito à colocação dos clíticos em contextos de próclise for possível em PE L2, o padrão de próclise será adquirido em todos os contextos, incluindo os que estão sujeitos a atrasos de desenvolvimento, pelo menos no nível quase nativo.

4. Metodologia

Para responder a estas questões, este estudo investiga a aquisição da colocação de clíticos (reflexos) em PE L2 por falantes de espanhol L1 com recurso a duas tarefas experimentais – uma tarefa de produção induzida e uma tarefa de juízos de aceitabilidade rápidos. Nos pontos seguintes, descrevem-se os participantes do estudo, as tarefas e os procedimentos adotados na análise estatística.

4.1. Participantes

Participaram no estudo 30 falantes nativos de espanhol, com os seguintes níveis de proficiência em PE L2: intermédio ($n = 10$), avançado ($n = 10$) e quase nativo ($n = 10$). Todos eles eram filhos de falantes monolíngues de espanhol e tinham o espanhol como a sua única L1. Tinham entre 20 anos e 61 anos de idade, e eram aprendentes adultos de PE, tendo na sua maioria começado a estar expostos ao PE a partir dos 16 anos (apenas um participante declarou ter começado a aprender português aos 11 anos). Dos 30 participantes, 21 estavam a viver em Portugal à data do estudo ou já tinham vivido num país de língua portuguesa.

O estudo incluiu ainda um grupo de controlo de falantes nativos de PE, com idades entre os 19 e os 54 anos. Todos eram filhos de falantes monolíngues de PE, tinham apenas o PE como sua L1 e tinham residido em Portugal durante toda a sua vida.

As características sociolinguísticas dos participantes (recolhidas através de um questionário de perfil sociolinguístico administrado através do *Google Forms*, que os participantes preenchiam no momento da inscrição no estudo) são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1. Dados sobre os participantes

Grupo	N	Idade		Idade de início de exposição ao PE		Anos de residência em países de língua portuguesa	
		M	Desvio Padrão	M	Desvio Padrão	M	Desvio Padrão
Quase nativo	10	41,4	7,31	20,75	2,94	9,35	7,51
Avançado	10	38,6	10,69	27,6	11,04	2,08	2,39
Intermédio	10	42,2	11,42	35,3	11,34	2,59	3,79
Nativo	20	29,55	10,82	n/a	n/a	n/a	n/a

Na avaliação do nível de proficiência dos falantes não nativos de PE L2 foi utilizada uma versão adaptada do procedimento usado em Sorace e Filiaci (2006) (concebido por White & Genesee, 1996) para identificação de falantes quase nativos. Foram realizadas entrevistas individuais com todos os participantes, com o objetivo de provocar produção oral espontânea a partir de *cartoons* (veja-se o exemplo na Figura 1). Pedia-se ao participante que falasse durante cerca de 3 minutos, respondendo a duas perguntas sobre cada *cartoon*: O que vê no *cartoon*? Qual é a mensagem do *cartoon*?



Figura 1. Exemplo de cartoon⁴

Selecionou-se depois uma amostra da produção de cada participante com cerca de 1,5 minuto, que foi avaliada por três falantes nativos de PE que tinham alguma formação em linguística com base nos seguintes critérios:



morfologia, sintaxe, vocabulário, pronúncia, fluência e impressão geral.⁵ Na grelha de avaliação, cada critério estava associado a uma linha contínua de 9 cm, com a designação “não nativo” na extremidade esquerda e “nativo” na extremidade direita, e pedia-se ao avaliador que assinalasse com uma cruz o grau de proximidade da amostra ao nível nativo. Para se garantir que os avaliadores assumiam como ponto de referência as produções de falantes nativos de PE, procedeu-se a uma mistura aleatória de amostras de entrevistas realizadas com falantes nativos de PE com as amostras dos aprendentes de PE L2.

No final, as avaliações foram transformadas em valores discretos, através da sobreposição de um acetato com uma linha de 9 cm dividida numa escala de 18 pontos (1 ponto por cada 0.5 cm), e o nível de proficiência de cada aprendente foi apurado com base na média de pontos atribuídos pelos avaliadores. Os aprendentes de PE L2 a quem os avaliadores atribuíram entre 17 e 18 pontos nos critérios *sintaxe*, *morfologia* e *vocabulário* e 16 ou mais pontos nos restantes critérios, com o máximo de uma exceção (as exceções ocorreram, tipicamente, no critério *pronúncia*), foram considerados quase nativos; os que não obtiveram pontuação para serem classificados como quase nativos e receberam, pelo menos, 15 pontos nos critérios *sintaxe*, *morfologia* e *vocabulário* e 13 ou mais pontos nos outros critérios, com o máximo de uma exceção, foram classificados como avançados; e, finalmente, aqueles que não tinham pontos suficientes para serem classificados como avançados e obtiveram, pelo menos, 13 pontos nos critérios *sintaxe*, *morfologia* e *vocabulário* e 10 ou mais pontos nos restantes critérios, com o máximo de uma exceção, foram considerados intermédios.

4.2. Tarefas

Tendo em conta que a colocação dos clíticos é alvo de ensino explícito, foram utilizadas duas tarefas que forcem os participantes a usar primordialmente o seu conhecimento implícito (e.g., Ellis, 2005): uma tarefa de produção oral induzida e uma tarefa de juízos de aceitabilidade rápidos. Foram utilizados apenas clíticos reflexos, a fim de assegurar maior comparabilidade com os estudos de aquisição de PE L1, que usam clíticos reflexos por serem aqueles com que se registam taxas mais baixas de omissão (Costa & Lobo, 2007; Silva, 2009). As tarefas foram administradas por ordem aleatória em momentos diferentes, separadas por um intervalo mínimo de uma semana.

A tarefa de produção induzida consistia numa tarefa de completamento de frases, administrada através da plataforma Gorilla. Para cada item, apresentava-se uma frase incompleta por escrito, acompanhada de uma imagem e algumas palavras. O participante devia ler a frase em voz alta e completá-la de acordo com a imagem.

⁴ <https://politicalcartoons.com/cartoon/130449>

⁵ Seguindo a grelha de avaliação usada por Antonella Sorace (c.p.), nas instruções fornecidas aos avaliadores, foram exemplificados os aspetos que deveriam ter em consideração em cada um dos critérios, como se segue: sintaxe (e.g., ordem de palavras); morfologia (e.g., correção da flexão dos verbos, adjetivos e nomes); vocabulário (e.g., adequação/correção das palavras usadas); pronúncia (e.g., sotaque, correção e clareza da pronúncia); fluência (e.g., ritmo de fala, facilidade de elocução); impressão geral (e.g., até que ponto o falante fala bem português, com base nos critérios acima).



Para tal, pedia-se que usasse as palavras fornecidas, podendo usar, adicionalmente, outras palavras que considerasse necessárias. Na Figura 2, mostra-se um exemplo de item de teste.

Figura 2. Exemplo de item do teste de produção oral induzida

O assistente trouxe pentes e toda a gente...



A tarefa de produção induzida testou a ênclise e a próclise em 6 condições: frase finita sem proclisador, frase com negação, completiva de indicativo, completiva de conjuntivo, oração adverbial causal (introduzida por *porque*) e frase com sujeito quantificado (com o quantificador *todo/a*). A tarefa incluiu 4 itens por condição, num total de 24 itens experimentais, e 24 distratores. Apresentamos exemplos de itens de teste nas 6 condições na Tabela 2.

Tabela 2. Itens de exemplo da tarefa de produção induzida

Condição	Exemplo de item
Frase finita sem proclisador	O avô deu o pente à neta e ela... penteou-se na casa de banho
Frase com negação	O pai deu o pente à filha, mas ela não... se penteou bem
Completiva de indicativo	A menina parecia despenteada, mas o pai viu que ela... se penteou na casa de banho
Completiva de conjuntivo	A menina está despenteada e o pai quer que ela ... se penteie com o pente
Oração adverbial	O pai elogiou a filha porque ela ... se penteou com o pente
Frase com sujeito quantificado	O assistente trouxe pentes e toda a gente... se penteou no camarim

A tarefa de juízos de aceitabilidade rápidos foi construída com o *software* Psychopy e administrada na plataforma Pavlovia. Em cada item da tarefa, aparecia primeiro um ponto de fixação durante 1500 ms e, em seguida, a frase era apresentada no centro do ecrã palavra por palavra, de forma não cumulativa, a um ritmo de 450 ms por palavra (de acordo com o procedimento habitual nestas tarefas; ver, por exemplo, Bader & Häussler, 2010, e Hopp, 2007). Após a última palavra, pedia-se ao participante que avaliasse o grau de naturalidade da frase numa escala de 1 (nada natural) a 5 (totalmente natural). O participante tinha a opção de não responder, carregando na tecla 'N' para indicar que não sabia a resposta.

A tarefa de juízos tinha um desenho 6 x 2, cruzando as variáveis *tipo de contexto* (os 6 contextos testados na tarefa de produção induzida) e *tipo de colocação do clítico* (ênclise vs. próclise). A tarefa incluía 3 itens por condição, num total de 36 itens experimentais, e 36 distratores. Apresentam-se abaixo dois exemplos de itens de teste.

(13a) Completiva de conjuntivo + ênclise:



- (13b) A menina está suja e o avô quer que ela limpe-se com a toalha
Adverbial + próclise:
O treinador repreendeu a jogadora porque ela se sentou no relvado

4.3. Análise estatística

A análise estatística dos dados de cada grupo foi realizada com modelos de efeitos mistos, em que foram incluídos como efeitos aleatórios as variáveis *participantes* e *itens* e como efeito fixo a variável *posição do clítico*. Seguindo Cunnings (2012) e Linck e Cunnings (2015), as análises incluíram interceções aleatórias para *participantes* e *itens* e declives aleatórios por participante para a variável *posição do clítico*.

A análise estatística foi conduzida em R, usando o pacote *lme4*. Mais especificamente, foi usada a função *lmer* (modelo misto linear) para a análise dos resultados da tarefa de juízos de aceitabilidade e a função *glmer* (modelo misto linear generalizado), com a especificação “family=binomial”, para a análise dos dados da tarefa de produção oral, uma vez que esta produz resultados binários. Na tarefa de produção, para cada nível do efeito fixo (ênclise e próclise), as respostas dos participantes foram codificadas como ‘produz o clítico na posição de ênclise/próclise’ = 1 e ‘não produz o clítico na posição de ênclise/próclise’ = 0. As respostas sem clítico adjacente ao verbo finito ou em que o contexto sintático em teste foi alterado pelo participante não foram consideradas na análise.

Como a função *glmer* gera output com valores de *p* e a função *lmer* apenas gera valores de *t*, usámos como medidas de significância os valores de *p* e *t*. Como é habitual na literatura (cf. Linck & Cunnings, 2015), um efeito fixo foi considerado estatisticamente significativo (indicado com * nas tabelas) sempre que *p* é inferior ou igual a .05 ou o valor absoluto de *t* é superior ou igual a 2.00.

5. Resultados

Nos pontos seguintes, apresentam-se os resultados das tarefas de produção oral induzida e de juízos de aceitabilidade rápidos, com recurso a estatística descritiva e inferencial.

5.1. Tarefa de produção oral induzida

Na tarefa de produção oral, a maioria dos participantes produziu respostas com o clítico *se* adjacente a um verbo finito, recorrendo aos tipos de contextos sintáticos que os estímulos pretendiam induzir. No entanto, registaram-se também outros tipos de respostas, nomeadamente: uso de DP em vez de clítico, como em (14); omissão de clítico, como em (15); alteração do contexto sintático que o estímulo pretendia induzir (e.g., introdução do proclisador *não* em contexto de completiva de indicativo, como em (16)); uso de uma formulação que não requer clítico, como em (17); produção de clítico adjacente a verbo não finito, como em (18); e ausência de resposta. Em cada grupo, a percentagem destas outras respostas é baixa, variando entre 0% e 1.3% por condição experimental no grupo de controlo, entre 3% e 15% no grupo quase nativo, entre 0% e 13% no grupo avançado, e entre 13% e 20% no grupo intermédio. Neste estudo, apenas consideramos as respostas com clítico adjacente ao verbo finito e em que o contexto sintático em teste não foi alterado pelo participante.

- (14) A menina está suja e o pai quer que ela limpe o corpo com uma toalha. [AV]
(15) A avó está cansada e o neto quer que ela sente na cadeira. [INT]
(16) A avó trouxe um banco, mas o tio viu que ela não se sentava na cadeira. [QN]
(17) O treinador repreendeu a jogadora porque ela estava sentada no relvado. [QN]
(18) A menina parecia suja, mas o avô viu que ela estava a se limpar com a toalha. [AV]



Como mostra a Figura 3, na tarefa de produção oral induzida, tanto o grupo de falantes nativos de PE como todos os grupos de aprendentes exibem preferência por ênclise em contexto de frase declarativa simples sem proclisador (ênclise vs. próclise: $ps \leq .0298$; para a análise estatística completa, ver Tabela 3). Nos contextos de negação e nas completivas de conjuntivo, todos os grupos preferem claramente próclise a ênclise ($ps \leq .0411$). Nos restantes contextos testados, enquanto os falantes nativos revelam uma preferência por próclise ($ps < .001$), o desempenho dos aprendentes de PE L2 varia de acordo com o nível de proficiência. No nível intermédio, exibem opcionalidade entre ênclise e próclise nas completivas de indicativo ($p = .316$) e têm uma clara preferência por ênclise em subordinadas adverbiais e em frases com sujeito quantificado ($ps \leq .0277$). No nível avançado, a produção de próclise em completivas de indicativo aumenta, ficando a diferença entre próclise e ênclise próxima de significância estatística ($p = .0798$). Com adverbiais e sujeitos quantificados, neste nível, os aprendentes passam a produzir taxas semelhantes de ênclise e próclise ($ps \geq .869$). Finalmente, no nível quase nativo, os aprendentes de PE L2 convergem com a língua alvo, revelando preferência por próclise em todos os contextos de próclise ($ps \leq .0193$).

Figura 2. % de produção de ênclise e próclise na tarefa de produção oral induzida

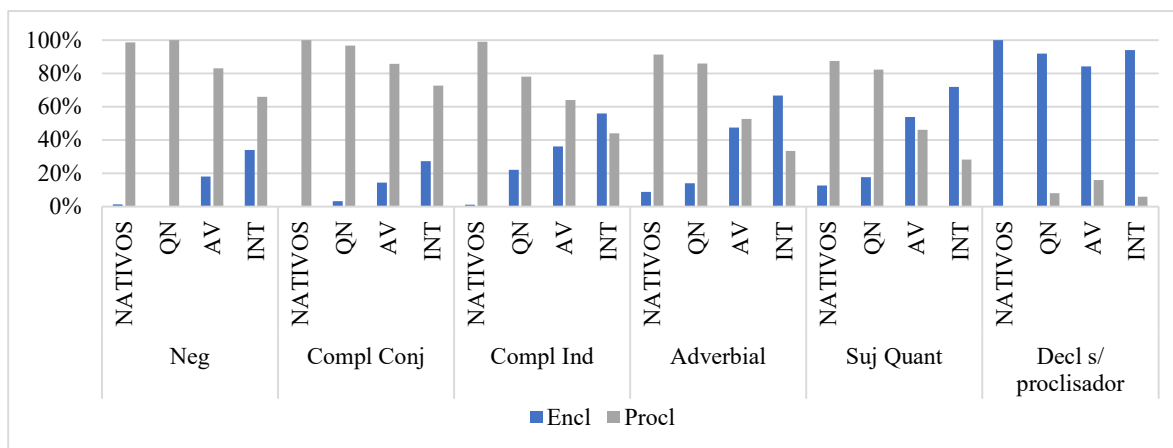


Tabela 3. Diferença entre ênclise e próclise por contexto e grupo na tarefa de produção oral induzida

Contexto	Grupo	Estimativa	Erro padrão	p
Frase s/ proclisador	Controlo	-72.09981	15.00119	<.001*
	QN	-6.00570	1.90485	.00162*
	AV	-6.5090	2.2219	<.001*
	INT	-19.363795318	8.910306643	.0298*
Negação	Controlo	64.888900	.002332	<.001*
	QN	4.91020	.85088	<.001*
	AV	22.74266673	8.12633473	.00513*
	INT	19.372507	6.604711	.00336*
Completiva de conjuntivo	Controlo	65.241159	.002785	<.001*
	QN	64.69914140	9.24102190	<.001*
	AV	6.25602	2.72708	.0218*
	INT	5.17673090163	2.53473644180	.0411*
Completiva de indicativo	Controlo	69.06667	.00231	<.001*
	QN	4.24970112387	1.81590816469	.0193*
	AV	4.0714	2.3241	.0798.
	INT	1.65622288146	1.65085362051	.316
Adverbial	Controlo	21.517311172	6.076380768	<.001*
	QN	45.873	2.797	<.001*
	AV	.2801211316	1.6941658433	.869
	INT	-21.69009921	7.05840149	.00212*
Sujeito quantificado	Controlo	40.578148	8.550805	<.001*
	QN	4.68101352043	1.79504916359	.00911*
	AV	.7150556866	4.5967390671	.876
	INT	-6.4045	2.9088	.0277*

Consideremos agora os resultados individuais dos falantes nativos e dos aprendentes de PE nos contextos de próclise. Nas Tabelas 4 e 5, para cada contexto, apresentamos o número de itens com próclise (= P) e ênclise (= E). Os participantes estão ordenados de acordo com o seu desempenho: dos que apresentam taxas mais elevadas de próclise aos que apresentam taxas mais baixas.

Os resultados individuais dos falantes nativos (Tabela 4) mostram que 15 têm próclise categórica, 3 têm casos residuais de ênclise, mantendo uma clara preferência por próclise em todos os contextos, e só 2 não exibem preferência por próclise em todos os contextos. Um destes dois falantes (participante 19) produz percentagens idênticas de ênclise e próclise em orações adverbiais. O outro (participante 20) exibe uma preferência categórica por ênclise com adverbiais e sujeitos quantificados. Em todos os outros contextos, estes falantes preferem próclise. Assim, é apenas com orações adverbiais e sujeitos quantificados que se encontra variação nas preferências dos falantes nativos relativamente à colocação do clítico.



Tabela 4. Número de frases com ênclise e próclise em contextos de próclise por falante nativo de PE

Participante	Negação		Completiva de conjuntivo		Completiva de indicativo		Adverbial		Sujeito quantificado		Total	
	E	P	E	P	E	P	E	P	E	P	E	P
1	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
2	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
3	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
5	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
6	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
7	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
8	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
9	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
10	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
11	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
12	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
13	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
14	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
15	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
16	0	4	0	4	0	4	1	3	0	4	1	19
17	0	4	0	4	0	4	0	4	1	3	1	19
18	0	4	0	3	0	4	0	4	1	3	1	18
19	1	3	0	4	0	4	2	2	0	4	3	17
20	0	4	0	4	1	3	4	0	4	0	9	11

Examinemos agora os resultados individuais dos aprendentes de L2 em contextos de próclise (Tabela 5). No grupo intermédio, só 4 aprendentes apresentam próclise maioritária. Dos restantes aprendentes, 4 ainda têm ênclise dominante, 1 tem taxas quase idênticas de ênclise e de próclise, e 1 aprendente quase não produz clíticos (5 ocorrências em 20 possíveis). Crucialmente, verificamos que a negação e as orações completivas de conjuntivo são os contextos que apresentam mais ocorrências de clítico em posição proclítica no nível intermédio. No nível avançado, o número de aprendentes com próclise dominante aumenta para 6. Embora o uso de próclise aumente em todos os contextos, em orações adverbiais e frases com sujeitos quantificados, a ênclise continua a ser o padrão de colocação do clítico usado por cerca de metade dos aprendentes. No nível quase nativo, a próclise é o padrão dominante para todos os aprendentes, exceto o participante 10, que produz taxas idênticas de ênclise e próclise. Verificamos, assim, que os resultados individuais convergem com os resultados por grupo, mostrando que a próclise é adquirida mais cedo em certos contextos (especialmente o de negação) do que noutros (especialmente adverbiais e sujeitos quantificados).



Tabela 5. Número de frases com ênclise e próclise em contextos de próclise por aprendente de PE L2

Participante	Negação		Completiva de conjuntivo		Completiva de indicativo		Adverbial		Sujeito quantificado		Total		
	E	P	E	P	E	P	E	P	E	P	E	P	
INT	1	0	4	0	4	0	3	0	3	0	4	0	18
	2	0	4	0	4	1	3	0	4	3	1	4	16
	3	0	4	0	4	2	2	2	1	1	3	5	14
	4	0	4	0	3	1	3	0	3	4	0	5	13
	5	0	3	0	4	2	2	4	0	3	1	9	10
	6	0	3	1	1	2	1	4	0	2	0	9	5
	7	4	0	2	2	3	0	4	0	4	0	17	2
	8	4	0	3	1	2	0	4	0	3	0	16	1
	9	4	0	3	1	4	0	3	0	1	0	15	1
	10	0	1	0	0	1	0	1	0	2	0	4	1
AV	1	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
	2	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
	3	0	4	0	4	0	4	1	3	0	4	1	19
	4	0	4	0	4	1	3	1	3	0	4	2	18
	5	0	4	0	4	0	3	0	3	3	1	3	15
	6	0	4	0	3	1	3	2	2	4	0	7	12
	7	0	4	0	3	1	2	3	1	4	0	8	10
	8	0	4	1	0	4	0	3	0	3	0	11	4
	9	4	0	1	3	2	0	4	0	4	0	15	3
	10	3	1	3	1	4	0	4	0	3	1	17	3
QN	1	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
	2	0	4	0	4	0	4	0	4	0	4	0	20
	3	0	4	0	4	0	4	0	3	0	4	0	19
	4	0	4	0	4	0	4	0	3	0	4	0	19
	5	0	4	0	4	0	3	0	4	0	4	0	19
	6	0	4	0	4	0	4	1	3	0	4	1	19
	7	0	4	0	4	2	1	0	4	0	4	2	17
	8	0	3	0	4	2	1	0	4	1	3	3	15
	9	0	3	1	3	1	2	0	4	1	3	3	15
	10	0	4	1	1	2	1	3	0	3	1	9	7

5.2. Tarefa de juízos de aceitabilidade

Como a Figura 4 mostra, na tarefa de juízos de aceitabilidade, só o grupo de falantes nativos de PE tem preferência por ênclise e rejeita próclise em contexto de frase sem proclisador (ênclise vs. próclise: $t = -12.00$; para a análise estatística completa, ver Tabela 6). Contrariamente ao que se observou na tarefa de produção induzida, nesta tarefa, os aprendentes de L2 aceitam quer ênclise quer próclise em frases simples sem proclisador. Mesmo o grupo quase nativo, apesar de aceitar significativamente mais ênclise do que próclise neste contexto ($t = -2.046$), não rejeita a colocação do pronome em posição proclítica (média de aceitação = 4), divergindo, assim, do grupo de controlo.

No contexto de negação, todos os grupos exibem uma clara preferência por próclise ($ts \geq 2.814$). Nos restantes contextos de próclise considerados, o grupo de controlo revela uma preferência consistente por próclise em detrimento de ênclise ($ts \geq 6.11$). Já as preferências dos grupos de L2 variam segundo o nível de proficiência. No nível intermédio, os aprendentes aceitam próclise ligeiramente mais do que ênclise em completivas de conjuntivo, estando a diferença entre estes dois padrões de colocação próxima de significância estatística ($t = 1.906$). Em completivas de indicativo, adverbiais e frases com sujeito quantificado, o grupo



intermédio exhibe taxas de aceitação de ênclise e de próclise idênticas ($t_s \leq 1.098$), divergindo, deste modo, do grupo de controlo. No nível avançado, os aprendentes passam a ter uma clara preferência por próclise em orações completivas ($t_s \geq 3.710$), independentemente do modo em que estejam. No entanto, continuam a exhibir taxas semelhantes de aceitação de ênclise e de próclise em advérbiais e com sujeitos quantificados ($t_s \leq .632$), tal como o grupo intermédio. Por fim, no nível quase nativo, os aprendentes passam a exhibir uma clara preferência por próclise em todos os contextos de próclise testados ($t_s \geq 2.742$), convergindo, assim, com o grupo de controlo.

Figura 3. Média de aceitação de ênclise e próclise na tarefa de juízos de aceitabilidade (escala 1 a 5)

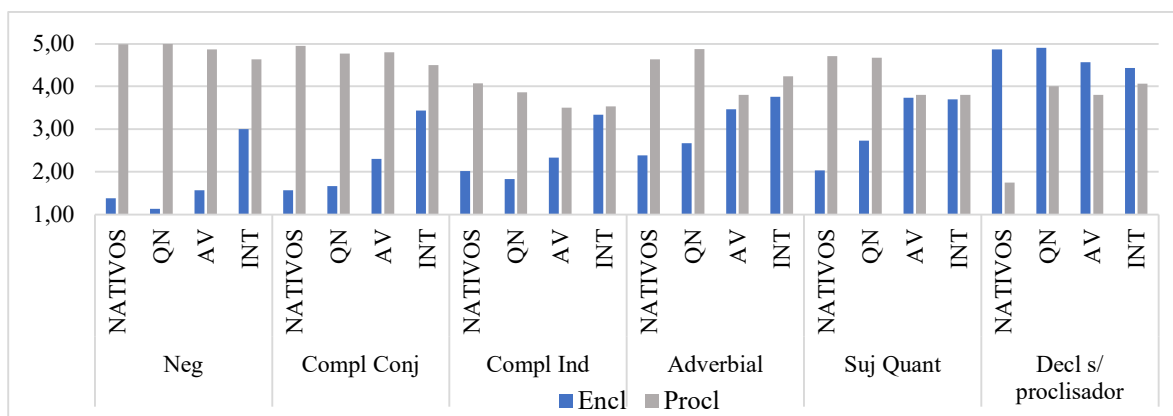


Tabela 6. Diferença entre ênclise e próclise por contexto e grupo na tarefa de juízos de aceitabilidade

Contexto	Grupo	Estimativa	Erro padrão	t
Frase s/ proclisador	Controlo	-3.1167	.2597	-12.00*
	QN	-.9000	.4398	-2.046*
	AV	.06667	.64845	.103
	INT	-.3667	.2315	-1.584
Negação	Controlo	3.60000	.13933	25.84*
	QN	3.86667	.14298	27.04*
	AV	3.3000	.3989	8.272*
	INT	1.6333	.5804	2.814*
Completiva de conjuntivo	Controlo	3.38333	.18878	17.92*
	QN	3.1000	.3494	8.871*
	AV	2.5000	.5260	4.753*
	INT	1.0667	.5595	1.906.
Completiva de indicativo	Controlo	2.0507	.2875	7.134*
	QN	2.0309	.5474	3.710*
	AV	1.1667	.5605	2.081*
	INT	.2000	.6591	.303
Adverbial	Controlo	2.2500	.3682	6.11*
	QN	2.3000	.8388	2.742*
	AV	.3333	.5271	.632
	INT	.4847	.4416	1.098
Sujeito quantificado	Controlo	2.6755	.3545	7.547*
	QN	1.9333	.6061	3.19*
	AV	.06667	.64845	.103
	INT	.1000	.3788	.264

Consideremos agora os resultados individuais dos falantes nativos e dos aprendentes de L2 nos contextos de próclise. Nas Tabelas 7 e 8, para cada contexto, apresentamos a mediana de aceitação de próclise (= P) e de ênclise (= E). De modo a facilitar a leitura das tabelas, os participantes estão ordenados de acordo com o seu desempenho, estando no topo os que apresentam medianas mais elevadas de próclise e mais baixas de ênclise.

Os resultados individuais dos falantes nativos (Tabela 7) mostram que 17 aceitam próclise e rejeitam ênclise e 3 aceitam próclise, mas não rejeitam ênclise de forma consistente. De um modo geral, a rejeição de ênclise é mais categórica nas frases negativas e nas orações completivas de conjuntivo do que nos outros contextos de próclise testados.



Tabela 7. Mediana de aceitação de ênclise e de próclise em contextos de próclise por falante nativo de PE

Participante	Negação		Completiva de conjuntivo		Completiva de indicativo		Adverbial		Sujeito quantificado		Total		
	E	P	E	P	E	P	E	P	E	P	E	P	
1	1	5	1	5	1	4	1	4	2	5	1	5	
2	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	
3	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	
4	1	5	1	5	1	5	3	5	2	5	1	5	
5	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	
6	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	
7	1	5	1	5	1	5	2	5	1	5	1	5	
8	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	
9	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	
10	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	
11	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	
12	2	5	2	5	2	5	2	5	2	5	2	5	
13	1	5	2	5	4	5	5	5	2	5	2	5	
14	1	5	2	5	3	5	5	5	2	5	2	5	
15	2	5	2	5	2	5	2	5	2	5	2	5	
16	1	5	2	5	2	5	2	5	2	5	2	5	
17	1	5	1	5	3	3	4	3	4	4	4	2	4
18	2	5	3	5	4	5	4	4	4	5	3	5	
19	3	5	3	5	3	5	3	5	3	5	3	5	
20	2	5	3	5	4	5	5	4	5	4	4	5	

Os resultados individuais dos aprendentes de L2 em contextos de próclise (Tabela 8) mostram que há uma evolução ao longo dos três níveis de proficiência considerados. No grupo intermédio, encontramos 1 aprendente que parece não ter intuições claras sobre a colocação de clíticos, pois tem uma mediana de 3 para todas as condições. Os restantes 9 aprendentes, de um modo geral, aceitam próclise nos diversos contextos analisados. Contudo, apenas 4 deles apresentam uma clara tendência de rejeição da ênclise. Estes aprendentes são os mesmos que exibem próclise maioritária na tarefa de produção. O contexto em que a rejeição de ênclise é mais acentuada no grupo intermédio é o da negação. No nível avançado, o número de aprendentes que rejeita a ênclise aumenta, sobretudo, em contexto de negação (8 aprendentes) e de orações completivas (6 em completivas de conjuntivo e 7 em completivas de indicativo). Nos outros contextos de próclise analisados, a maioria dos aprendentes continua a aceitar ênclise. Finalmente, no grupo quase nativo, a maioria dos aprendentes aceita próclise e rejeita ênclise em todos os contextos. Há, no entanto, um aprendente que apresenta medianas idênticas de aceitação de próclise e de ênclise.



Tabela 8. Mediana de aceitação de ênclise e de próclise em contextos de próclise por aprendente de PE L2

Participante	Negação		Completiva de conjuntivo		Completiva de indicativo		Adverbial		Sujeito quantificado		Total		
	E	P	E	P	E	P	E	P	E	P	E	P	
INT	1	1	5	1	5	2	3	3	4	2	2	1	5
	2	1	5	1	5	1	5	1	5	5	5	1	5
	3	2	5	2	5	4	4	3	5	3	4	2	5
	4	1	5	5	5	2	3	5	5	2	5	2	5
	5	4	4	4	4	4	4	4	5	4	4	4	4
	6	5	5	5	5	5	2	5	5	5	3	5	5
	7	4	5	5	5	4	5	5	4	5	5	5	5
	8	4	5	5	5	5	4	5	5	5	5	5	5
	9	5	4	5	3	4	3	5	4	5	5	5	4
	10	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
AV	1	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5
	2	1	5	1	5	1	5	1	2	5	5	1	5
	3	1	5	1	5	1	4	4	2	3	5	1	5
	4	1	5	1	5	2	4	2	5	2	5	2	5
	5	1	5	2	5	1	4	4	4	4	2	2	5
	6	1	5	3	5	1	3	5	5	5	5	3	5
	7	1	5	2	5	2	3	3	3	4	3	2	3
	8	1	5	3	5	4	4	5	4	5	5	4	5
	9	5	5	5	5	5	5	5	5	5	3	5	5
	10	2	5	5	5	4	3	5	4	5	3	5	4
QN	1	1	5	1	5	1	5	2	5	2	5	1	5
	2	1	5	1	5	1	4	1	5	1	5	1	5
	3	1	5	1	5	1	5	1	5	2	5	1	5
	4	1	5	1	5	2	5	1	5	1	5	1	5
	5	1	5	1	5	1	4	3	5	3	5	1	5
	6	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5	1	5
	7	1	5	2	4	2	5	2	5	3	5	2	5
	8	1	5	1	5	2	5	4	5	4	5	2	5
	9	1	5	3	5	3	5	2	5	3	5	2	5
	10	3	5	3	5	4	5	4	5	4	5	4	5

Em conjunto, os resultados das tarefas de produção e de juízos mostram que os contextos de ênclise não são completamente imunes a problemas em níveis avançados e que a próclise é adquirida mais cedo em alguns contextos (especialmente o de negação e o de completiva de conjuntivo) do que em outros (nomeadamente adverbiais e sujeitos quantificado). A Tabela 9 apresenta uma síntese dos resultados.



Tabela 9. Preferências de colocação do clítico por contexto e grupo nas tarefas de produção e de juízos de aceitabilidade.

Grupo	Tarefa	Frase simples s/ proclisador	Negação	Completiva de conjuntivo	Completiva de indicativo	Adverbial	Sujeito quantificado
Controlos	Produção	ENCL	PROCL	PROCL	PROCL	PROCL	PROCL
	Juízos	ENCL	PROCL	PROCL	PROCL	PROCL	PROCL
QN	Produção	ENCL	PROCL	PROCL	PROCL	PROCL	PROCL
	Juízos	ENCL / PROCL	PROCL	PROCL	PROCL	PROCL	PROCL
AV	Produção	ENCL	PROCL	PROCL	PROCL ^a	ENCL / PROCL	ENCL / PROCL
	Juízos	ENCL / PROCL	PROCL	PROCL	PROCL	ENCL / PROCL	ENCL / PROCL
INT	Produção	ENCL	PROCL	PROCL	ENCL / PROCL	ENCL	ENCL
	Juízos	ENCL / PROCL	PROCL	PROCL ¹	ENCL / PROCL	ENCL / PROCL	ENCL / PROCL

^a Diferença próxima de significância estatística.

6. Discussão e conclusões

Vejam agora de que forma os resultados descritos na Secção 5 nos permitem responder às três questões de investigação na base deste estudo.

Q1.1. Os contextos de ênclise são adquiridos cedo em PE L2, tal como em PE L1?

Para esta primeira questão, predizíamos que, se os contextos de ênclise forem adquiridos cedo em PE L2, tal como em L1, os aprendentes terão já conhecimento destes contextos no nível intermédio. Os resultados da tarefa de produção mostram que todos os grupos de L2 têm um comportamento semelhante ao dos controlos em contextos de ênclise, ou seja, exibem uma preferência clara por ênclise, não produzindo praticamente próclise. Contudo, na tarefa de juízos, ao contrário do que se observa no grupo de controlo, todos os grupos de L2 aceitam quer ênclise quer próclise. Esta assimetria entre os resultados das duas tarefas poderá decorrer da diferente natureza das tarefas. Na tarefa de juízos de aceitabilidade, por estarem sob pressão de tempo, os aprendentes poderão ter maior dificuldade em inibir a L1, que, em frases declarativas simples, apenas permite próclise, divergindo, assim, do PE. Outra hipótese é que os resultados da tarefa de juízos estejam relacionados com a instrução que foi dada aos participantes. Embora todos fossem falantes de PE, ao pedir-se que avaliassem o grau de naturalidade das frases em português, alguns poderão ter considerado que estas seriam naturais noutras variedades do português, como o português do Brasil, por exemplo. Em todo o caso, os resultados não são conclusivos relativamente à aquisição plena da ênclise, pelo que não é possível confirmar com segurança a nossa predição. No futuro, será necessária mais investigação, nomeadamente recorrendo a uma tarefa de juízos de aceitabilidade com áudio em PE e com uma instrução mais clara de que a naturalidade das frases deve ser avaliada tendo em conta a variedade europeia do português.

Q1.2. O percurso de desenvolvimento dos contextos de próclise em PE L2 assemelha-se ao encontrado na aquisição de PE L1?

Em relação à segunda questão, predizíamos que, se o percurso de desenvolvimento dos contextos de próclise em PE L2 se assemelhar ao que tem sido observado na aquisição de PE L1, os aprendentes desenvolverão conhecimento destes contextos de forma gradual: adquirirão primeiro os contextos de aquisição mais precoce e mais tarde os de mais difícil aquisição, de acordo com a escala seguinte (baseada em Costa et al., 2015): Negação > Completivas > Adverbiais finitas > Sujeito quantificado. Os resultados de ambas as



tarefas mostram que o conhecimento de próclise em contextos de negação é adquirido precocemente, estando já estabilizado no nível intermédio, o que está em linha com o que se verifica na aquisição de PE L1 e em estudos prévios sobre aquisição de PE L2 (e.g., Gu, 2019, 2021). A preferência por próclise nas completivas desenvolve-se mais tarde, havendo uma diferença entre completivas de indicativo e de conjuntivo. Nas completivas de conjuntivo, que foram as únicas testadas por Costa et al. (2015), os aprendentes começam por manifestar uma preferência por próclise na tarefa de produção no nível intermédio, mas só no nível avançado é que esta preferência é clara nas duas tarefas. Nas completivas de indicativo, a preferência por próclise começa a emergir mais tarde, no nível avançado, o que é visível na tarefa de juízos, e só estabiliza no nível quase nativo, em que a preferência por próclise se manifesta nas duas tarefas. A preferência por próclise nos contextos de adverbiais e sujeitos quantificados é a que se desenvolve mais tarde, apenas no nível quase nativo. Este resultado está de acordo com os dados da aquisição de PE L1 (cf. Secção 2.2) e L2 (cf. Secção 2.3), ainda que, no presente estudo, não se observem diferenças entre os dois contextos. Em suma, os nossos resultados sugerem a seguinte sequência de aquisição de próclise em PE L2: Negação > Completivas de conjuntivo > Completivas de indicativo > Adverbiais causais, Sujeito quantificado. Confirma-se, assim, a predição de que, globalmente, o percurso de desenvolvimento dos contextos de próclise em PE L2 se assemelha ao observado na aquisição de PE L1.

Q1.3. A convergência com a língua alvo é possível em PE L2 no que diz respeito à colocação dos clíticos em contextos de próclise?

Por fim, em relação à terceira questão de investigação, a nossa predição apontava para a possibilidade de convergência com a língua alvo no que diz respeito à colocação dos clíticos em contextos de próclise em PE L2. Os nossos resultados confirmam esta predição, uma vez que mostram que a preferência por próclise é totalmente adquirida por falantes quase nativos de PE L2, mesmo nos contextos que estão sujeitos a atrasos de desenvolvimento significativos.

Em conjunto, os resultados deste estudo indicam que os fenómenos que são adquiridos tarde em L1 podem ser igualmente problemáticos na aquisição de L2. O conhecimento de contextos de próclise que são categóricos nas gramáticas nativas adultas, como a negação, estabiliza precocemente em L2, tal como em L1. Já a preferência por próclise em contextos envolvendo algum tipo de variabilidade (seja sintática ou lexical), como orações adverbiais e sujeitos quantificados, é adquirida mais tarde. Estes são os únicos contextos em que a ênclise é também produzida, com alguma expressão, por falantes de PE L1 (por 2 falantes no presente estudo⁶ e por 6 falantes em Costa et al., 2015). Na tarefa de juízos, observa-se também que o número de falantes de PE L1 que rejeita a ênclise nestes contextos é menor do que em contextos mais categóricos como a negação.

De igual modo, as diferenças encontradas entre completivas poderão estar relacionadas com o facto de as de conjuntivo serem contextos mais categóricos de próclise nas gramáticas nativas do que as de indicativo, o que é observável nos resultados individuais da tarefa de juízos de aceitabilidade (nas completivas de conjuntivo, a ênclise é rejeitada por 17 dos 20 falantes testados, enquanto, nas de indicativo, só 14 a rejeitam).

Pelo menos no que diz respeito à aquisição de L2 por adultos, os nossos resultados não apoiam a ideia defendida em Tsimpli (2014) de que os fenómenos que se adquirem (muito) tarde são apenas os que envolvem interfaces, uma vez que alguns fenómenos estritamente sintáticos, como a próclise em completivas de indicativo e em orações adverbiais, também se desenvolvem tarde. Tendo em conta que os contextos mais problemáticos na aquisição de PE L2 (e L1) são os menos categóricos nas gramáticas nativas e, consequentemente, menos categóricos no input,⁷ podemos concluir que o input desempenha um papel determinante na aquisição da colocação de clíticos, mesmo em contextos que não envolvem interfaces: quanto maior a variabilidade no input, maior a complexidade da tarefa de aquisição de próclise em PE L2. Por isso, nestes casos, os aprendentes

⁶ Num grupo de 38 falantes de PE L1 testados no âmbito deste projeto, 6 produzem maioritariamente ênclise nos itens com orações adverbiais e sujeitos quantificados.

⁷ Especialmente, as completivas de indicativo, adverbiais causais, e frases com sujeitos quantificados.



necessitam de exposição prolongada a input para descobrir o padrão preferencial de colocação dos clíticos em PE. Embora haja uma sobreprodução e sobreaceitação de ênclise em contextos menos categóricos de próclise até um nível avançado, a convergência total com a língua alvo é possível, mas apenas no nível quase nativo, o que está em linha com as predições da HI.

A existência de um percurso de aquisição semelhante entre L1 e L2 no que diz respeito à colocação de clíticos mostra que, contrariamente ao que alguns autores propõem (e.g., Bley-Vroman, 1989), a aquisição de L1 e de L2 não são dois processos fundamentalmente diferentes, pelo menos, no que se refere a alguns fenômenos morfossintáticos. Os nossos resultados sugerem que ambos os processos podem ser influenciados pelo grau de variabilidade do fenómeno no input.

Em conclusão, os nossos resultados mostram que, em PE L2, a aquisição dos padrões de colocação de clíticos por adultos, de um modo geral, segue o percurso identificado em outras populações, nomeadamente nas crianças monolíngues e bilingues de PE L1. Esta é, assim, uma área em que parece haver um percurso de desenvolvimento comum em L1 e L2. Tal como em L1, a aquisição plena do conhecimento da colocação de clíticos parece ser possível em PE L2. Uma questão que fica em aberto é se a aceitação de próclise em contexto de ênclise que observámos na tarefa de juízos de aceitabilidade é um efeito da tarefa ou um efeito da L1 dos aprendentes. Deixamos esta questão para investigação futura.

Referências

- Bader, Markus & Jana Häussler (2010) Toward a model of grammaticality judgments. *Journal of Linguistics* 46 (2), pp. 273–330. <https://doi.org/10.1017/S0022226709990260>
- Bley-Vroman, Robert (1989) What is the logical problem of foreign language learning? In Susan Gass & Jacquelyn Schachter (eds.), *Linguistic perspectives on second language acquisition*. Cambridge University Press, pp. 41–68.
- Casa Nova, Manuela (2014) *Formas de realização do pronome clítico em português europeu por falantes de herança luso-franceses*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho.
- Costa, João & Maria Lobo (2007). Complexidade e omissão de clíticos: O caso dos reflexos. In *Textos seleccionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL, pp. 303–313.
- Costa, João, Alexandra Fiéis & Maria Lobo (2015) Input variability and late acquisition: Clitic misplacement in European Portuguese. *Lingua* 161, pp. 10–26. <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2014.05.009>
- Cunnings, Ian (2012) An overview of mixed-effects statistical models for second language researchers. *Second Language Research* 28 (3), pp. 369–382. <https://doi.org/10.1177/0267658312443651>
- Duarte, Inês & Gabriela Matos (2000) Romance clitics and the Minimalist Program. In João Costa (ed.), *Portuguese syntax: New comparative studies*. Oxford University Press, pp. 116–142.
- Duarte, Inês, Gabriela Matos & Isabel Faria (1995) Specificity of European Portuguese clitics in Romance. In Isabel Faria & Maria João Freitas (eds.), *Studies on the acquisition of Portuguese*. APL & Colibri, pp. 129–154.
- Ellis, Rod (2005) Measuring implicit and explicit knowledge of a second language: A psychometric study. *Studies in second language acquisition* 27 (2), pp. 141–172. <https://doi.org/10.1017/S0272263105050096>
- Flores, Cristina & Pilar Barbosa (2014) When reduced input leads to delayed acquisition: A study on the acquisition of clitic placement by Portuguese heritage speakers. *International Journal of Bilingualism* 18 (3), pp. 304–325. <https://doi.org/10.1177/1367006912448124>
- Flores, Cristina, Pilar Barbosa & Manuela Casa Nova (2016) A closer look at cross-linguistic influence in the acquisition of Portuguese as a Heritage Language. In Sambor Grucza, Magdalena Olpinska-Szkiecko & Piotr Romanowski (eds.), *Bilingual landscape of the contemporary world*. Peter Lang Verlag, pp. 75–94.
- Grüter, Therese (2006) *Object clitics and null objects in the acquisition of French*. Tese de doutoramento, McGill, University of Montreal.



- Gu, Wenjun (2019) Aquisição de pronomes clíticos de português europeu por falantes de chinês: Dados sobre a colocação. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* (5), pp. 190–206. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a14>
- Gu, Wenjun (2021) Aquisição da posição dos pronomes clíticos de português europeu por falantes nativos de chinês. *Textos selecionados do XIII e XIV Fórum de Partilha Linguística*. NOVA FCSH – CLUNL, pp. 59–72.
- Gu, Wenjun (2022) Aquisição da posição dos pronomes clíticos em português europeu como L2. *Rotas a Oriente* 2, pp. 205–226. <https://doi.org/10.34624/ro.v0i2.27829>
- Guasti, Maria Teresa (1993) Verb syntax in Italian child grammar: Finite and nonfinite verbs. *Language Acquisition* 3 (1), pp. 1–40. https://doi.org/10.1207/s15327817la0301_1
- Hamann, Cornelia, Luigi Rizzi & Ulrich Hans Frauenfelder (1996) On the acquisition of subject and object clitics in French. In Harald Clahsen (ed.), *Generative perspectives on language acquisition*. John Benjamins, pp. 309–334.
- Hopp, Holger (2007) *Ultimate attainment at the interfaces in second language acquisition: Grammar and processing*. Tese de doutoramento, University of Groningen.
- Linck, Jared & Ian Cunnings (2015) The utility and application of mixed-effects models in second language research. *Language Learning* 65, pp. 185–207. <https://doi.org/10.1111/lang.12117>
- Lobo, Maria (2003) *Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português*. Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Madeira, Ana & Maria Francisca Xavier (2009) The acquisition of clitic pronouns in L2 European Portuguese. In Acrísio Pires & Jason Rothman (eds.), *Minimalist inquiries into child and adult language acquisition: Case studies across Portuguese*. Mouton de Gruyter, pp. 273–299.
- Madeira, Ana, Maria de Lourdes Crispim & Maria Francisca Xavier (2006) Clíticos pronominais em português L2. In *Textos selecionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL & Colibri, pp. 495–510.
- Marinis, Theo (2000) The acquisition of clitic objects in Modern Greek: Single clitics, clitic doubling, clitic left dislocation. *ZAS Papers in Linguistics* 15, pp. 259–281. <https://doi.org/10.21248/zaspil.15.2000.32>
- Martins, Ana Maria (1994) Enclisis, VP-deletion and the nature of Sigma. *Probus* 6, pp. 173–205. <https://doi.org/10.1515/prbs.1994.6.2-3.173>
- Martins, Ana Maria (2016) A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. In Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de linguística portuguesa*. De Gruyter, pp. 401–430.
- Neokleous, Theoni (2013) Clitic (mis)placement in early grammars: evidence from Cypriot Greek. In Stravoula Stavrakaki, Marina Lalioti & Polyxeni Konstantinopoulou (eds.), *Advances in language acquisition*. Cambridge Scholars Publishing, pp. 147–155.
- Petinou, Kakia & Arhonto Terzi (2002) Clitic misplacement among normally developing children and children with specific language impairment and the status of Infl heads. *Language Acquisition* 10 (1), pp. 1–28. https://doi.org/10.1207/S15327817LA1001_1
- Pierce, Amy E. (1992) *Language acquisition and syntactic theory: A comparative analysis of French and English child grammars*. Kluwer.
- Silva, Carolina (2009) Assimetrias na aquisição de diferentes tipos de clíticos em português europeu. In *Textos seleccionados do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL & Colibri, pp. 527–541.
- Sorace, Antonella (2014) Input, timing, and outcomes in a wider model of bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism* 4, pp. 377–380. <https://doi.org/10.1075/lab.4.3.14sor>
- Sorace, Antonella & Francesca Filiaci (2006) Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research* 22 (3), pp. 339–368. <https://doi.org/10.1191/0267658306sr271oa>



- Tomaz, Margarida, Maria Lobo, Ana Madeira, Carla Soares-Jesel & Stéphanie Vaz (2019) Omissão e colocação de clíticos por crianças bilingues Português-Francês. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* (5), pp. 85–412. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a25>
- Tsimpli, Ianthi (2014) Early, late or very late?: Timing acquisition and bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism* 4 (3), pp. 283–313. <https://doi.org/10.1075/lab.4.3.01tsi>
- Wexler, Ken, Anna Gavarró & Vincent Torrens (2004) Feature checking and object clitic omission in child Spanish and Catalan. In Reineke Bok-Bennema, Barte Hollebrandse, Brigitte Kampers-Manhe & Petra Sleeman (eds.), *Romance language and linguistic theories 2002*. John Benjamins, pp. 253–269.
- White, Lydia & Fred Genesee (1996) How native is near-native? The issue of ultimate attainment in adult second language acquisition. *Second Language Research* 12 (3), pp. 233–265. <https://doi.org/10.1177/026765839601200301>

